

Sr. Ninguém

Autor: Wander SS

Personagens:

Ninguém: protagonista

Zé: amigo de Ninguém

Farofa: Líder do PGC

Cenário: Algum morro paulistano ou carioca

Prólogo

Ele não nascera, fora expurgado pela mãe.

Cena 1

(Entram dois fulanos discutindo)

Zé: - Tu se acha o rei da favela né?

Ninguém: - Não me acho nada! Tu que diz!

(Ninguém se move euforicamente, empurrando o amigo)

Ninguém: - Sai da frente! Tô indo tramar pro Farofa.

(Passam-se alguns meses. Farofa foi assassinado há dois dias. A favela estava alvoroçada.)

Cena 2

(Zé e Ninguém entram em cena, segurando uma lata de cerveja)

Zé: - E aí meu truta? Suave?

(Ninguém com um sorriso largo no rosto. Os dois se cumprimentam)

Zé: - Ouvi dizê que a casa caiu pro PGC. E aí? Qual vai sê? Vai assumir o morro mermo?

(Ninguém continua o sorriso, acende um fumo de cânhamo, dá um trago, segura e solta a fumaça falando ao mesmo tempo)

Ninguém: Cê nem tá ligado! Já tomei a banca antes mermo do Farofa virar presunto.

Alguns meses depois... A favela volta a ficar alvoroçada.

REFERÊNCIAS

O seguinte conto do escritor russo Daniil Kharms (30/12/1905 – 02/02/1942) serviu de provocação para escrever esta curta peça de teatro:

Era um homem ruivo, que não tinha olhos nem orelhas. Também não tinha cabelo, pelo que só convencionalmente se podia chamar ruivo. Não podia falar, porque não tinha boca. Também não tinha nariz. Nem sequer tinha mãos, nem pernas. Não tinha ventre, não tinha costas, não tinha coluna vertebral nem quaisquer entranhas. Não tinha nada! Por isso, não se compreende de quem se trata. É melhor não falarmos mais nele.

O mencionado conto remeteu ao livro *Inferno*, de Patrícia Melo, o qual expõe a vida de Reizinho, um garoto que cresceu numa favela carioca e que tinha como ídolo (inspiração) o traficante-líder de sua comunidade. Ele seguiu os passos do traficante, até que um dia conseguiu chegar no topo da liderança e assim assumiu o comando do morro. Esse mote foi o ponto de partida para a elaboração do diálogo e do cenário apresentado na peça *Sr. Ninguém*. Assim como Reizinho, Ninguém também queria ser o dono do morro e começou primeiro a trabalhar para o dono da boca. Em pouco tempo ele conseguiu confiança dos membros do PGC. Cresceu dentro da facção. Preparou uma armadilha para matar Farofa, para assim poder realizar seu sonho: ser o líder da comunidade.

A linguagem escolhida foi propositalmente coloquial - assim como no livro da escritora assisense - já que a cena se passa em uma favela e o diálogo se dá entre dois amigos bastante íntimos.

O prólogo foi baseado no livro *Perfume: a história de um assassino*, de Patrick Suskind, que evidencia, logo no início, o escárnio da mãe ao parir Jean Grenouille (quase abortando-o) embaixo da mesa de uma feira de peixe. Ninguém também veio ao mundo dessa forma: vomitado pela mãe. E vai embora do mundo vomitado pela sociedade.

Ele não deixa rastros, aliás nunca teve marca permanente na sociedade. Ele, como tantos outros, passou despercebido diante da monumentalidade do tempo e da história humana.

Ele era invisível como o homem ruivo de Daniil Kharms.

